

UM CONTO DE ESCOLA

Por Isaque Correia Rocha¹

Começou mais um ano e desta vez aproveitei bastante porque a folga de comer, brincar e dormir havia acabado. Era o ano em que eu e minha irmã Rose, iríamos para a escola pela primeira vez. A escola era muito longe de casa, então tinha que acordar bem cedo para comer um pão bem quentinho com manteiga e café feito na hora pela minha querida mãe. Que por sinal, demonstra está bem ansiosa para que fossemos estuda.

Finalmente chegou a hora, meu pai era que nos levava todos os dias de bicicleta.

--- Vamos embora, já está na hora.

--- Vocês não podem chegar atrasado no primeiro dia de aula.

Nos despedimos de mãe e fomos correndo para o portão, de longe ouvi a mãe dizer “*finalmente vou poder limpar a casa*”. Pai chegou com a bicicleta já preparada para irmos. Eu sentado na garupa e Rose no quadro da magrela. Naquele tempo, era poucas ruas que eram calçadas, tinham muito buraco, então o bumbum ficava todo dolorido ao chegar à escola.

Depois de muito andar, chegamos no centro da cidade, uma coisa rara de acontecer, mas que a partir de agora iria acontecer todos os dias.

Eu perguntei: chegamos?

--- Ainda não, falta um pouco ainda.

Passamos pelo Posto de Saúde, a Rodoviária onde tinha aqueles ônibus enormes que dava dó de tão feio, passamos também perto do Banco do Brasil.

Eu perguntei novamente: chegamos?

--- Ainda não, falta mais um pouco.

Já estava ficando nervoso de tanta ansiedade, até chegar ao Mercado Municipal onde papai trabalhava consertando bicicleta.

--- Vou guardar a bicicleta e daqui vamos a pé.

Logo pensei, “agora deve estar bem perto”. Meu pai pegou na minha mão e na mão da minha irmã e fomos.

Perto do Mercado Municipal tinha um lugar muito estranho, tinha também muita gente, crianças e adultos. Os adultos pareciam estar falando algo para as crianças que eram maiores do que eu e as crianças choravam e descia tantas lágrimas que molhava a roupa toda.

--- Pai

--- O que é Pizaquê?

--- O que é aquilo?

--- É uma escola.

Fiquei aterrorizado. Será ali que vou estudar? Parece uma zona de tortura para crianças aquele lugar. Muros altos, paredes feias e janelas de madeira com grades enormes, parecia um lugar para pessoas doentes, doidas como dizia meus amigos lá da rua.

--- Mas não é ali que vocês vão estudar, é mais a frete.

Fiquei aliviado em ouvir essas palavras do meu pai. Tinha apenas cinco anos para passar por tamanha tortura.

Mais adiante, chegamos em outro lugar, parecia pior do que o anterior. Tinha crianças da mesma idade que eu em total desespero. Quando de repente ouvi: Chegamos.

--- Que lugar é esse pai?

--- É aqui que você vai estudar.

--- Só eu?

--- Sua irmã também?

Rose já estava começando a chorar e meus olhos começaram a encher de lágrimas até meu pai dizer. Toma conta da sua irmã, ela é mais nova que você. Eu só balancei a cabeça.

Veio uma mulher em nossa direção, nos cumprimentou e falou alguma coisa com meu pai, não deu para entender. Depois ela abaixou e disse: podem ficar tranquilos, eu vou cuidar de você, vocês serão minhas lindas florezinhas. Quando olhei para trás, meu pai não estava lá, havia desaparecido, rapidamente a mulher nos consolou dizendo para termos calma, pois o meu pai havia de voltar. A mulher nos levou para uma sala com cadeiras e uma mesa pequenas e ficamos lá enquanto ela ia buscar outras crianças.

Ouvi um barulho estranho, nunca tinha ouvido antes um som igual aquele. Parecia quando eu estava em casa e batia com a colher no copo de vidro da minha mãe. A mulher chegou na mesma hora dizendo que iria começar a aula.

A mulher disse o nome dela, que eu nem entendi, mas ela disse que podia chama-la de “tia”.

--- Mas a senhora não é minha tia.

--- Sou sim. Aqui na escola.

--- Todos podem me chamar de tia.

Não dei muita bola, estava muito concentrado olhando no portão. Parecia um vigia ou aqueles investigadores secretos dos filmes, meu pai gostava de assistir esses filmes e eu assistia com ele.

A mulher deu folhas de papel e um monte de lápis, canetas, giz de cera. Tudo colorido e com diversas cores. Pedi para desenhar alguma coisa de casa. Apesar de não conseguia segurar o lápis do jeito certo, fiz um desenho que parecia uma obra de arte.

O tempo foi passando e nada no portão, até a tia perguntou.

--- Pizzaquê, porque você fica olhando lá para fora?

--- Tia, a senhora disse que meu pai voltava logo e ele ainda não chegou. Ele se esqueceu da gente?

--- Não Pizzaquê, é que ainda não deu a hora de sair.

--- Hummm, qual é a hora de sair?

Todos na sala estavam querendo saber qual a hora de sair. Então a tia teve uma ideia de levar todos para fora. Fizemos uma roda e ela começou a falar sobre o Sol. E perguntou se sabíamos onde o Sol estava. E todos disseram a mesma coisa: Está no céu, bem atrás da parede. A tia gostou da esperteza de todos. E seguida ela explicou. Quando o Sol estiver sobre a nossas cabeças, bem no alto é porque está na hora de ir para casa. Pouco tempo depois o Sol estava sobre minha cabeça, quando olhei para o portão meu pai apareceu, parecia mágica eu era muita coincidência. Rapidamente peguei minhas coisas e corri na direção dele. Ele me abraçou e fomos para casa. No caminho, passamos perto da outra escola novamente e tinha crianças saindo de lá também. Foi o ano todo assim, com chuva ou sol, mas todos os dias tinha que ir para a escola, menos no sábado e no domingo. Comecei a gostar da ideia de ir para a escola. Passou o ano e chegou às férias, que era muito esperada.

O ano recomeça e vamos para a escola, mas agora é diferente, eu e minha irmã somos veteranos, experientes. Sabemos todos os horários de chegada, recreio e quando o Sol está sobre a nossa cabeça é porque está na hora de ir embora. Até a cena da outra escola se repetia, para mim, ainda parecia assustador ver o desespero de todos que estavam ali.

Estava tudo mil as maravilhas até recebemos a notícia de última hora de que era o último ano que eu e minha irmã estaríamos estudando ali. Bateu aquela dúvida. Para onde nós vamos?

Quando meu pai chegou, corremos até ele e perguntamos: Pai, esse é o último ano nosso aqui? Para onde nós vamos? Logo, ele nos tranquilizou dizendo que a escola também é perto. Quando estávamos saindo, meu pai segurando a minha mão, passamos perto da outra escola, a “escola das crianças desesperadas”, de repente meu pai dá uma pausa e abaixa e diz: é ali que vocês dois vão estudar no próximo ano.

